

## OLHA O DNA, QUEM VAI QUERER?

Aos poucos ele foi introduzindo personagens bizarros que se movimentam no palco, produzindo um efeito carnavalizante. É um negro, alto e muito obeso que muitas vezes se veste de mulher com a barriga de fora e os lábios pintados, em outras noites ele é uma criança. É um branco, magro, sem dentes que, em geral, está vestido de mulher e com gestos e assessorios encarna o estereótipo do travesti. Um anão é ali chamado de pitibicha. Um outro homem, sempre vestindo roupas muito coloridas, que as vezes fica muito próximo à platéia, podendo-se dizer, em termos de representação, que se trata de um representante do auditório. Diferentemente dos outros, este tem a fala como atributo básico: um discurso cuja finalidade é ser suspenso por um grito do condutor do programa: vai Sombra!

Sombra é um personagem que fica encoberto por uma tela que, em contraste com a luz, fica delineado o seu perfil. É ele que anuncia os quadros previstos na programação. Em geral, a cada anúncio do Sombra segue-se o comentário dos ratinhos Xaropinho e Tunico. Trata-se de duas figuras associáveis ao universo infantil seja pela entonação da voz, quanto pela própria dimensão física ou pelas intervenções inconseqüentes. As falas destes dois personagens são marcadas pela impertinência, própria da espontaneidade da criança. Tal condição permite que os ratinhos se especializem em comentários desconcertantes, julgamentos, funcionando como guia moral de interpretação das cenas que são conduzidas pelo apresentador do programa.

Movimentando-se num cenário que abusa das cores e luzes esses tipos se encarregam de dar volume às cenas. Nessa estratégia, o uso da violência é freqüente. São empurrões, tapas, quedas. São também encarregados da produção de uma violência mais sutil que diz respeito à concorrência de atenção entre os queixosos e a teatralização desses personagens. Ao roubarem a cena dos mendicantes midiáticos geram uma ambigüidade quanto ao foco de atenção. Aí, os solicitantes têm que encarar uma disputa pela

importância, têm que elevar a voz, devem aproximar-se da ambiência sugerida pelos seus concorrentes. Para isto eles ficam de pé, movimentam-se no palco, misturando-se com os personagens contratados pelo programa. É apropriado dizer que eles lutam por aparecer num espaço em que as regras não lhes são familiares.

Na realidade, antes mesmo de aparecerem, os mendicantes midiáticos travam uma disputa para serem selecionados pela produção do programa. E quando chegam ali, anunciados pelo Sombra, sempre com um título depreciativo para o caso, não encontram um ambiente mais conveniente para narrar a sua história. Embora a posição de dois sofás, um em frente ao outro, sugira uma possibilidade de conforto e clima de intimidade, os outros componentes do espetáculo negam a viabilidade da simulação de uma relação acolhedora. Ali se verifica a reação histórica da platéia, o som da banda – que se encarrega de musicar os temas-problemas – , as performances dos personagens do programa, as intervenções de Ratinho, a presença de promotores de produtos como: Xocopinho, ração Foster, filtros Fhasis Viena.

Além dos tipos grotescos, estão em cena os peritos. Figuras capazes de associar o programa a um serviço de utilidade pública. Sempre sentados, “discretamente”, nas primeiras filas do auditório, não passam despercebidos pela audiência uma vez que são os mesmos profissionais a ocupar essa posição em todos os programas. Trata-se de dois advogados e um médico.

Baseado em queixas que em última análise são problemas sociais apresentados como pessoais, o programa também é um lugar de convergência entre a exposição de dramas humanos e a também exposição de marcas de produtos e serviços reparadores dos mesmos dramas. É o portador de deficiência física que se coloca na posição de mendicante midiático e através da sensibilização provocada pela exposição de sua chaga, tem a possibilidade de alcançar a graça

da cadeira de rodas, por exemplo. Tudo isso se desenvolve numa atmosfera de suspense que cria, não apenas no mendicante, mas em toda a audiência uma grande expectativa. Tal construção conduz à valorização do ponto culminante: a “doação” do produto ou serviço.

Merece que se destaque a operação simbólica que se realiza sob forma de generosidade. De um modo geral, a obtenção da “graça” é realizada a partir de uma troca complexa. Em primeiro lugar, é necessário o efeito sensibilização já referido. Provocada essa atmosfera, num plano subjetivo, a audiência é tomada por uma sensação de culpa. É aí que aparece a figura do doador que, no clima estabelecido, é sentido como um reparador. É sob o domínio da emoção que a marca, o fabricante, o endereço, as qualidades do produto são anunciadas, enquanto um representante da empresa oferece o donativo ao solicitante. Entre aplausos do auditório, e as lágrimas comovidas do agraciado, Ratinho explora o que ele classifica como a função social do programa: tentar resolver as demandas dos indivíduos que procuram a sua produção. Desse modo, é a partir da exposição da dificuldade do indivíduo que tanto “doador” quanto Ratinho logram benefícios simbólicos e econômicos.

Dentro dessa química que mistura doses de circo, obra de caridade, entretenimento, humilhação, brindes, música, emoção, promoção de mercadorias, de serviços e de pessoas existe um quadro que tem como razão de ser a dúvida em relação à paternidade de crianças.

E se for seu

E se for meu

Teste de DNA

Pra provar que o filho é seu

Esta é a vinheta que introduz os casos.

Normalmente, ela vem acompanhada por parentes, amigos. É jovem, em geral não tem muita desenvoltura no que diz respeito ao uso do vocabulário – indicando pouca escolaridade –, usa roupas corriqueiras, o que evidencia que o programa não se encarrega da “maquiagem”. Senta-se no sofá Ratinho lhe pergunta sobre o seu caso. Ele sabe, antecipadamente, que há um homem nos bastidores que será chamado para um cara-cara promovido pelo

programa. Seu nome é Maria, Antônia, Rita, Sílvia. Ela tem, muitas vezes, apelidos em lugar do nome.

“Rafael teve um caso com Pingo mas está achando que não foi ele que ganhou no bingo”. É o título de um dos casos exibidos no dia 25 de junho de 2001.

Introduzindo o caso Ratinho pergunta: comeu ou não comeu? Em seguida, entra Rafael que chega com duas testemunhas e diz: a menina é vagabunda, não vale nada. Mas Ratinho pontua, dirigindo-se à audiência: tava tendo um caso com a Pingo e aí: capunga! Em seguida volta-se para Rafael: mas você saiu com ela!

A banda introduz uma musiquinha: pede e ela dá e depois vem no Ratinho pra fazer DNA.

A essa altura Pingo já está no palco com uma acompanhante e é travado um diálogo:

- Essa mulher é louca!
- Ele é que é muito sem graça
- Eu era de menor, tive que registrar, obrigado pela minha família. E agora vem dizer que o filho não é meu.
- Eu namorava ele na porta.
- Que namorava nada!

O diálogo é interrompido várias vezes pelas exibições dos personagens, até que chega o momento máximo com a fala de Ratinho: topa de fazer o DNA?

Com a aceitação das partes fica assegurada o retorno do casal ao programa para a verificação do resultado. É o que aconteceu no dia 25 com Rita, Paulo e Francisco.

Primeiro chegaram Paulo e Francisco. A audiência fica sabendo, através de Ratinho que eles mantiveram relações sexuais com a mesma mulher e não sabiam se eram pais dos dois filhos dela. Rita afirma que Francisco é o pai do mais velho, enquanto que o mais novo é filho de Paulo.

Rita está acompanhada e Ratinho quer saber quem é aquele homem. Ela responde que é o marido dela. A esta resposta se segue um fundo musical que imita o mugido de boi, insinuando que ele fora traído, indicando um comportamento volúvel da parte de Rita.

Ratinho pergunta a Rita sobre quem é o pai de cada criança:

- Francisco é pai do Jean e Paulo é pai do Felipe.

Aqui é ampliado o clima de suspense. Ratinho tem o documento em mãos e o lê silenciosamente. Cresce a tensão e o desconforto entre os protagonistas da história. Muitas vezes, neste momento, a banda irrompe com e o seu coral canta: espere um pouco, um pouquinho mais. Ratinho, finalmente se pronuncia: acertou em cheio!

Este roteiro é repetido a cada programa, alterando-se peculiaridades capazes de diferenciar as situações. Num mesmo programa pode aparecer vários casos semelhantes.

Numa leitura superficial do quadro descrito não parece possível fazer uma crítica ao programa. É possível considerá-lo como um serviço que expressa generosidade, solidariedade, amparo, como normalmente, o próprio Ratinho sugere ao observador.

Mas há questões que estão postas dentro desse formato que têm uma relação forte com a violência simbólica.

Antes mesmo de falar dessa relação, vale a pena lembrar que o fato de que há uma certeza quanto a veiculação de um quadro desse, cotidianamente, revela a dimensão de um problema social que diz respeito à fragilidade no que se refere às responsabilidades dos pais para com os filhos, no caso, um direito elementar da criança de ter seus pais. Esse aspecto, nem de longe é vislumbrado pelo programa pois não há espaço para uma tomada reflexiva.

Por uma questão natural, a dúvida reside na parte masculina do conflito. Enquanto não é feito o teste de DNA, a mulher é vista na condição de quem mente, de quem não tem certeza e essa condição colabora para que apenas ela seja vista como promíscua: “a Rita é muito dada”.

Observando o comportamento entre os gêneros, estimulado pelo condutor do programa, pode-se verificar que não existe a co-responsabilidade. Em geral o homem toma o filho como uma espécie de traição feita pela mulher, como se fosse uma cilada, uma armadilha feminina.

A discussão a propósito dos direitos, apesar da presença de advogados, fica restrita a se é falso ou verdadeiro o teste, não explorando aspectos de importância para a construção da cidadania, como

por exemplo as responsabilidades derivadas da certeza de que se é pai.

Não se pode pensar que a veiculação de um quadro dessa natureza gere efeitos inócuos às crianças envolvidas nas situações. São seus pais a debater suas dificuldades e conflitos gerados a partir de suas existências. Ali a sua vida é colocada como um problema, uma espécie de defeito, um fardo. O fato de não aparecer na tela da TV não garante a proteção da criança. Ela tem vizinhos que saberão da intimidade de sua vida que agora é pública. Eles agora têm uma prova inapagável. E além dos vizinhos ela tem a sua própria intimidade que é violada naquele programa. Coisas muito sérias para a constituição do sujeito são expostas sem reservas sem que ele tenha a possibilidade de se pronunciar. Ali é anunciado publicamente que ele é um erro de percurso. E isto é dito sem qualquer “cerimônia”, fazendo ver mesmo que a criança envolvida não é a fonte de preocupação, ela é apenas um pretexto para aqueles roteiros.

Também vale a pena lembrar que os personagens que compõem os quadros são pobres. E isto é uma regra geral do programa. Trata-se sempre da exploração de situações de embaraço vivida por pessoas que têm recursos materiais e simbólicos escassos. A espetacularização desses conflitos passa a funcionar como uma via de saída imaginária para a audiência que enfrenta situações semelhantes às aquelas divulgadas na TV. Dessa forma não é alimentado o espírito de cidadania o qual possibilitaria a que os indivíduos exercessem os seus direitos, sabendo buscar as instituições públicas adequadas às suas demandas e também podendo pressionar as referidas instituições para que as mesmas cumpram as suas funções.

O programa, no entanto, visa o aumento da audiência – sua moeda –, o que é muito diferente de serviço social e de filantropia. É mais apropriado falar de um mercado das mazelas sociais, cuja identidade mais superficial é a violência. Talvez por isso o programa não poupe as possibilidades de potencializá-la. Ao contrário, Ratinho, praticamente promete a violência: “a cobra vai fumar”. E nos momentos em que são alcançadas cenas de descontrole e agressividade aparece na tela da TV, em letras coloridas e garrafais: primeiro round.

É dentro desse regra de especulação dos dramas da pobreza que se pode ofertar: olha o DNA, quem vai querer?